

A EXPERIÊNCIA E O RISCO DE SER NEGRO NO BRASIL

Antoniele Luciano¹

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

A morte do professor Henrique, personagem de *O avesso da pele*, obra mais recente do escritor Jeferson Tenório, nascido no Rio de Janeiro, mas radicado no Rio Grande do Sul, poderia ser apenas um recurso ficcional. No entanto, ainda está longe de ser mera invenção no contexto brasileiro. A razão disso é que os negros ainda são as maiores vítimas de crimes violentos no Brasil. Quando a morte é decorrente de uma ação policial, como acontece com o personagem, essa população corresponde a 84% das vítimas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021). É em meio a esse cenário real, marcado por diversas formas de racismo, que o terceiro romance de Tenório chegou ao público brasileiro em 2020. Lançada pela Companhia das Letras, a obra venceu no ano seguinte a categoria de Melhor Romance do Prêmio Jabuti. Hoje, o livro segue para a segunda edição, com traduções na Itália e Portugal, versão em audiobook e, ainda, contrato para se tornar filme.

Trazer à tona a pluralidade de experiências de corpos negros na atualidade é, sem dúvidas, um dos grandes trunfos de *O avesso da pele*. O enredo é apresentado ao leitor a partir de uma linguagem simples, ancorada em um narrador que busca lidar com a ausência do pai recriando a memória sobre ele. É por meio do ponto de vista desse segundo personagem, o estudante Pedro, que os leitores são apresentados a situações que ainda perpassam o povo negro, mais de 100 anos após a abolição da escravidão. Aqui, a literatura reflete o que se passa no Brasil e no exterior: corpos negros ainda são vistos como uma ameaça dentro e fora da literatura. Basta que nos lembremos, por exemplo, do caso de um carro que levava uma família negra a um chá de bebê no Rio de Janeiro, mas que, no caminho, foi atingido por 80 tiros disparados pelo Exército. Ou, ainda, da morte emblemática de George Floyd, asfixiado por um policial durante uma abordagem em Minnesota, nos Estados Unidos.

Nesse contexto, *O avesso da pele* chegou aos leitores ainda durante a pandemia, como o terceiro livro lançado por Tenório, que durante os dois anos em que o escreveu ainda atuava como professor na rede pública do Rio Grande do Sul. Antes, vieram *O beijo na parede* (2013), pela editora Sulina, e *Estela sem Deus* (2018), pela editora Zouk. Doutor em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), cuja tese defendida em 2022 também abordou a temática da paternidade, o escritor construiu uma narrativa que versa sobre relações afetivas e sociais, sem deixar de pontuar, no entanto, os efeitos do racismo junto à população negra.

¹ Email: antonieleluciano@gmail.com

A obra é dividida em quatro partes – “A Pele”, “O Avesso”, “De volta a São Petersburgo” e “A barca”. Na primeira parte, são apresentadas questões explícitas à pele, ou seja, ao ser negro no país. Na segunda, é o momento de transitar por assuntos mais subjetivos, que fazem parte do avesso, isto é, da subjetividade de cada sujeito. As duas últimas partes, por sua vez, apresentam o encaminhamento dos personagens – da morte de Henrique, após a sua redenção com Dostoiévski em sala de aula, à tentativa de Pedro, o filho, de seguir com a vida, com o Ogum do pai nas mãos.

A narração do filho do professor se assemelha a uma conversa com o leitor, como se o espectador estivesse descortinando a vida de Henrique junto com Pedro, do nascimento ao fim do personagem. Pedro transforma o silêncio e os objetos deixados pelo pai em relatos carregados de intimidade e realismo, apresentando ao público o peso que o racismo teve nas relações sociais e afetivas do genitor. E não é difícil imaginar o quanto essas memórias podem ser estendidas a mais pessoas no país. Por isso, apesar de toda a subjetividade compartilhada pelo narrador, a escrita de Tenório é, também, ponte para uma história coletiva, por mesclar vivências comuns a tantos outros negros. É o caso, por exemplo, da passagem em que Henrique foi apontado com um assaltante, embora não fizesse a mínima ideia do que estava acontecendo.

Nesse cenário, o corpo negro, como é possível observar na obra, é visto pelo Outro como um corpo objetificado e sexualizado, fora do lugar quando o assunto é a racionalidade. Um exemplo disso são as piadas constantes com as quais o professor precisa lidar na família da então namorada branca, do preconceito do advogado que o empregou como office boy e das abordagens policiais mesmo passados tantos anos desde que chegou a Porto Alegre. O personagem é vítima de duas dinâmicas que alimentam uma à outra - marginalização e descrença sobre ser alguém que é capaz. Como descreve Grada Kilomba em *Memórias da Plantação*, essa descrença sobre corpos negros enquanto produtores de conhecimento se deve ao fato de que esses corpos não são lidos como corpos acadêmicos, diferentemente do que ocorre com corpos brancos, para quem não há imobilidade. (KILOMBA, 2019).

Tenório, nesse sentido, faz um exercício para rasurar essa ideia. O escritor cria um corpo negro que ocupa espaços diferentes em meio a uma região do país marcadamente branca. Trata-se de um corpo negro que circula pela cidade, por escolas, e ensina e desenvolve, a partir da literatura, pequenas revoluções diárias na periferia da capital gaúcha. O leitor tem diante de si um professor em busca de uma forma de educação transformadora no espaço público, a despeito de todas as dificuldades que acompanham e tornam cansativa e cada vez mais desafiadora sua atividade profissional. Prestes a se aposentar, o próprio professor Henrique é resultado da educação que transforma, haja vista que escolheu o caminho do ensino para transformar a própria realidade. Foi, então, aproximando seus estudantes de Raskolnikov, o famoso personagem de *Crime e Castigo*, que ele pensava ter encontrado uma saída para engajar a turma do período noturno que tinha diante de si. Adaptou a linguagem e fez tudo o que estava a seu alcance para promover algum tipo de transformação durante a aula. “Entre uma narração e outra, podia-se ouvir a respiração dos alunos. Teu cansaço havia sumido, e uma sensação de plenitude começava a tomar conta de você” (TENÓRIO, 2020, p. 168).

No entanto, mesmo tendo optado por essa via, a da educação, a marginalização da figura do negro impediu o personagem de ter dias melhores. Ao descrever a morte de Henrique, baleado por policiais durante uma abordagem, Tenório nos apresenta uma amostra crítica de outras centenas de milhares de mortes de pessoas negras, em especial homens, registradas no Brasil. Ficção e realidade se fundem de maneira que a relação entre negros e brancos, ao final, permanece a mesma, dentro e fora da história. Afinal, como escreveu Frantz Fanon, o negro, invenção do branco, é, primeiro, visto como um negro, não importa quem ele seja. Aqui, poder-se-ia tratar de um professor ou de um médico, ser negro é condição que sempre virá antes (FANON, 2008). Assim, dificilmente, o avesso da pele, o que se carrega além das aparências, será visto de maneira anterior. Para o negro, há ainda um agravante. Como narrou o jovem Pedro no romance, a cor da pele do pai representava perigo à vida. “Apesar de tudo, você continuou desafiando a possibilidade de morrer. No Sul do país, um corpo negro sempre será um corpo em risco” (TENÓRIO, 2020, p. 184).

Ao dialogar com essa realidade, o romance de Tenório nos remete ainda ao conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2007), evidenciando quais vidas importam para o sistema no qual estamos inseridos. Em sua análise, o teórico de Camarões foi além do conceito de biopoder criado por Michel Foucault, para quem o uso de dispositivos é necessário para espalhar o poder de modo difuso e, por meio de forças multilaterais, controlar populações. Mbembe enxerga essa noção trazida por Foucault como insuficiente para tornar compreensíveis as formas de subjugação da vida ao poder da morte na contemporaneidade. Para ele, é preciso entender, também, quais são os critérios para estabelecer esses mundos de morte, ou seja, quem pode viver e quem pode morrer.

É nesse ponto que o racismo aparece como elemento utilizado para regular a distribuição da morte entre os negros, problema que vem desde o período colonial, conforme analisa Mbembe. Foi durante a escravidão que surgiram um dos primeiros exemplos da chamada biopolítica, com a figura do negro escravizado sendo submetida a três perdas idênticas à alienação total e à morte social – a perda do lar; a perda do direito sobre o próprio corpo e a perda do estatuto político. Desse modo, essa morte que aguarda a população considerada excedente, os negros como o professor Henrique, foi cruelmente inaugurada durante a experiência do colonialismo. (MBEMBE, 2007).

Os impactos dessa política de morte, herança da lógica colonial, afetam todos os personagens, criando um retrato fidedigno das relações étnico-raciais no país da falsa democracia racial, que vive como que em um estado de exceção permanente (AGAMBEN, 2004), como em uma terra sem lei. Um aspecto do livro que nos auxilia neste entendimento é a narração sobre o policial que dispara contra o pai de Pedro. Diferentemente do restante, a narração não é feita pelo garoto, mas em terceira pessoa, o que consideramos ser uma estratégia do autor para distinguir a representatividade desse personagem. Essa construção nos leva a interpretar a possibilidade do policial ser representativo de uma instituição e sociedade que, em pleno século XXI, ainda veem o negro como inimigo. “A segunda abordagem é mais tensa.

Quatro meliantes. Todos saem do carro. Todos são revistados, menos o rapaz branco. Na verdade, os policiais perguntam se está tudo bem com ele.” (TENÓRIO, 2020, p. 175).

Por todos esses pontos, consideramos a leitura de *O avesso da pele* como um mergulho que nos permite conhecer – e refletir - sobre as relações étnico-raciais que envolvem o Brasil. É uma oportunidade, enquanto leitores, de entender preconceitos camuflados e estereótipos perpetuados que, como bem lembrou Beatriz Nascimento (2021), afloram inclusive nas manifestações que, aparentemente, seriam afetivas. Premiado com *O avesso da pele*, Tenório se inscreveu na relação de escritores que nos ajudam a compreender a identidade brasileira, com uma trama que é, ao mesmo tempo, original e dolorosamente real. Que venham mais romances, de Tenório e de outros escritores brasileiros, com tamanha sensibilidade e potência, características essas que só uma escrita que se atêm ao avesso, isto é, ao que vem de dentro para fora, é capaz de nos oferecer.

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/05-anuario-2022-letalidade-policial-cai-mas-mortalidade-de-negros-se-acentua-em-2021.pdf>. Acesso em 10 out. 2022.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2007.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- TENÓRIO, Jéferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.